

A DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA EM PORTUGUÊS

Valter Kehdi *

RESUMO

Os casos de derivação imprópria, ou conversão, em português, vêm sendo interpretados, em nossas gramáticas, de um ponto de vista exclusivamente semântico. O objetivo do artigo é mostrar que esse processo de derivação é também caracterizado por traços formais cujo exame revela os limites de uma morfologia baseada apenas no vocábulo isolado.

Unitermos: *derivação imprópria – eixo sintagmático – língua portuguesa – morfologia – semântica*

No quadro da derivação vocabular, um dos processos menos estudados em nossas gramáticas tem sido o da derivação imprópria (ou conversão).

Pretendemos, aqui, levantar e discutir alguns aspectos que nos parecem fundamentais, ligados ao assunto.

Tomemos, como ponto de partida, os exemplos apresentados por Celso Cunha e Lindley Cintra, na *Nova gramática do português contemporâneo*:

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de **derivação imprópria**, e por ele se explica a passagem:

- a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadamie* (de Mac Adam), *quixote*;
- b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;

(*) Professor Assistente Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

- c) de adjetivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;
- d) de substantivos a adjetivos: *burro, (café)-concerto, (colégio)-modelo*;
- e) de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: *silêncio!, bravo!, viva!*;
- f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;
- g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer ... quer, já ... já*;
- h) de particípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo*;
- i) de particípios (passados) a substantivos e adjetivos: *conteúdo, resoluto* (p. 103-4).

Em seguida, os autores observam que esse processo pertence à área da semântica, e não à da morfologia (cf. op. cit. – Obs., p. 104).¹ É justamente essa observação final que pretendemos discutir ao longo deste ensaio. Na verdade, há traços formais ligados a esse processo, que não o tornam exclusivo da área da semântica; além disso, os itens apresentados agrupam-se em blocos que uma simples enumeração não permite perceber.

Vejamos, inicialmente, quais os traços formais caracterizadores de cada um desses itens.

Nos casos em que se dá a mudança de classe para a substantivação (itens c), f) e i), os adjetivos, os verbos e os particípios passados, embora não sofram alteração em si, passam a ser antecidos pelo artigo; o processo faz-se, portanto, sentir através do eixo sintagmático.

A passagem dos substantivos a adjetivos ocorre, geralmente, quando o substantivo passa a exercer o papel de determinante com relação a outro substantivo antecedente; é, também, um fenômeno observável ao nível do eixo sintagmático.

Relativamente aos verbos que passam a conjunções, é preciso notar que, como estas, aqueles se tornam invariáveis; é o que se constata no exemplo *quer ... quer* (em que não pode ocorrer outra forma flexionada do verbo *querer*).

A mesma observação cabe aos particípios (presente/passado) que passam a preposições: esses particípios tornam-se, nesse caso, invariáveis. Acrescente-se, ainda, que, diferentemente das preposições essenciais, eles aparecem em ligação frouxa com o antecedente (indicada pela pausa e pela mobilidade do sintagma preposicional com relação ao resto da frase):

Todos fizeram o trabalho, *exceto José*.

Todos, *exceto José*, fizeram o trabalho.

Exceto José, todos fizeram o trabalho.

(1) Essa observação baseia-se em afirmação de Said Ali, em sua *Gramática histórica da língua portuguesa* (cf. § 1133, p. 230-231).

A mobilidade e a pausa (sinais de ligação frouxa com o antecedente da preposição) são os vestígios do carácter inicial de orações reduzidas desses sintagmas preposicionais.²

No que se refere ao item *e*), não se pode falar em mudança de classe no mesmo sentido dos outros itens: as interjeições não são espécies de palavras, e, sim, espécies de frases. Além disso, se distinguirmos interjeições de exclamações, de acordo com os critérios propostos por J. Mattoso Câmara Jr., no *Dicionário de lingüística*, s. v. *interjeição*, que citamos abaixo:

(...) As interjeições são palavras especiais e se distinguem das *exclamações*, vocábulos soltos, emitidos no tom de voz exclamativo, ou frases mais ou menos longas que em regra começam pelas partículas *que*, *como*, *quanto*, *quão*, e constituem orações de um tipo especial, ou fragmentos de oração, ou monorema (v.). Exs.: *Admirável!* – *Que quadro de amarguras!* (p. 147),

somos obrigados a reconhecer que um dos exemplos propostos pela *Nova gramática – Silêncio!* – é, na realidade, uma frase nominal exclamativa (e não uma interjeição).

Quanto aos itens *a*) e *b*), também não se pode falar em mudança de classe, pois os substantivos continuam sendo substantivos; há, na verdade, uma mudança de subclasse (substantivos próprios passando a comuns e vice-versa).

Com as reservas feitas aos itens *a*), *b*) e *e*), podemos fixar-nos nos demais e tentar uma classificação em blocos.

Os itens *c*), *f*) e *i*) constituem um primeiro bloco, em que a mudança de classe é marcada pela presença do artigo.

Os exemplos apresentados em *d*) e *i*)³ ilustram a possibilidade de mudança de classe apoiada na nova função de determinante. Neste caso, normalmente, o determinante se pospõe ao determinado, como o sugerem os exemplos: (*café*)-*concerto*, (*colégio*)-*modelo*, e é o elemento que pode ser omitido sem prejuízo sintático para a frase em que figura. (Comparem-se: *O colégio-modelo* fechou / *O colégio* fechou).

Por sua vez, os exemplos dos itens *g*) e *h*) são ilustrativos da mudança de classe apoiada na invariabilidade dos elementos em questão. Podemos acrescentar a este bloco os adjetivos que se adverbializam (cf. nota 2).⁴

Todas as considerações acima permitem-nos observar que a derivação imprópria (ou conversão) é um processo também caracterizado por traços formais, o que nos leva a divergir da posição de Celso Cunha e Lindley Cintra, que o integram na área da semântica.

(2) Também se tornam invariáveis os adjetivos que passam a advérbios (conversão não arrolada pelos autores):
A menina falou alto.
As meninas falaram alto.

(3) Com relação ao item *i*), estamos pensando no adjetivo *resoluto* (e não no substantivo *conteúdo*).

(4) Assinalamos que não se trata, na verdade, de um bloco homogêneo. Ver, acima, as observações que fizemos a respeito dos participios que passam a preposições.

Não há dúvida, contudo, de que os traços formais assinalados situam-se no eixo sintagmático, no contexto exterior ao vocábulo (com exceção dos itens *g*) e *h*). A morfologia estrutural atém-se ao eixo sintagmático circunscrito ao vocábulo propriamente dito.⁵

A rigor, os casos de conversão ilustram o fenômeno de *translação*, especificado por Lucien Tesnière, em sua *Esquisse d'une syntaxe structurale*:

La translation a pour effet de transférer un mot d'une *catégorie grammaticale* dans une autre *catégorie grammaticale*, c'est-à-dire de transformer une espèce de mots en une autre espèce de mots (p. 17).

Nos exemplos apresentados ao longo deste ensaio, figuram, geralmente, como *translativos* (marcadores morfológicos da translação) os artigos e, no caso da passagem de substantivos a adjetivos (ou de adjetivos a advérbios), o translativo zero.

Como, para Tesnière, a translação é um fenômeno sintático, os exemplos aqui discutidos remetem ao problema do estabelecimento das fronteiras entre a morfologia e a sintaxe, o que, como sabemos, não é um ponto pacífico para as diferentes correntes da Lingüística moderna.

De acordo com a tradição gramatical portuguesa, o vocábulo isolado é objeto de estudo da morfologia, cabendo à sintaxe o estudo da combinatória dos vocábulos.

Assim, compreendemos que a rotulação do fenômeno aqui apresentado – derivação *imprópria* – corresponde à intuição da existência de um processo específico e não homogêneo, diferentemente do que ocorre com a derivação afixal. Por isso, cremos que a designação mais adequada para caracterizá-lo é *conversão*.⁶

Encerrando nossas considerações, queremos assinalar que todas as observações acima remetem, também, ao problema da conceituação de vocábulo e, por tabela, à especificação dos limites entre morfologia e sintaxe. Não desenvolvemos, aqui, esses tópicos, porque nossa intenção é apenas caracterizar o processo, sem deixar, contudo, de indicar outras vias de pesquisa a que um estudo mais acurado desse fato pode conduzir.

Selecionamos, a título de ilustração, alguns trechos de dois ficcionistas brasileiros, Lygia Fagundes Telles (*O jardim selvagem*) e Mário Palmério (*Vila dos Confins*). Nas passagens escolhidas estão sublinhadas as construções que exemplificam o processo de derivação imprópria.

Do texto de Lygia F. Telles, destacamos:

“Ele teve um último *olhar* para a janela. Depois voltou-se para a mulher, descalça e encolhida num canto do quarto. Falou tão *baixo* que só ela pôde

(5) A necessidade de levar-se em conta o contexto exterior ao vocábulo também se faz sentir no estudo dos deverbais (sufixais e regressivos), intimamente relacionados com os processos de *nominalização*, em português, conforme o ilustram os exemplos: *a construção da casa* e *a pesca do bacalhau*.

(6) Na gramática portuguesa, essa designação ocorre, pela primeira vez, na *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (p. 185).

ouvi-lo” (*op. cit.*, p. 80). Aqui, temos a passagem do verbo *olhar* a substantivo, e do adjetivo *baixo* a advérbio (como modificador do verbo *falou*).

“No céu de um *azul* profundo, palpitante, algumas nuvens claras vagavam perplexas” (*op. cit.*, p. 150). O adjetivo *azul*, antecedido do artigo indefinido e seguido de um modificador adjetival (*profundo*), está substantivado neste contexto.

Em *Vila dos Confins*, apontamos os trechos seguintes:

“Tontura gostosa dava a pinga forte do Gerônimo. E o silêncio, o *balançar* maneiro do rebojo, o *fresco* da chuvinha manhosa, a escuridão do rio ...” (*op.cit.*, p. 37). O infinitivo *balançar* e o adjetivo *fresco* estão, aqui, substantivados pelo artigo definido.

“Mas o machado é ferramentão *da silva*. O caboclo experimentou-o no pau-bálsamo de três braças de roda, por causa de um relzinho de jataí que deu de dar na forquilha de cima. O enxadão é do fino – gostosura para cortar chão e furar armadilha de buraco. A foice, trenheira *beleza* para render serviço de pari” (*op. cit.*, p. 134). Esta passagem ilustra dois casos interessantes: a expressão *da silva*, de uso popular no Brasil, com o valor de ênfase, normalmente seguida a diminutivos ou aumentativos, exemplifica a passagem de um substantivo próprio a comum. A posposição relativamente ao substantivo *trenheira*, bem como o valor semântico de caracterização do substantivo *beleza*, são traços que permitem a este último desempenhar o papel de adjetivo.

As passagens acima foram utilizadas com o objetivo de exemplificar, em textos da moderna literatura brasileira, o fenômeno estudado neste ensaio. Salientamos exclusivamente o caráter gramatical da derivação imprópria, o que não significa que não se possa explorá-la do ponto de vista estilístico.

Referências bibliográficas

I. Doutrina

- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 20. ed. São Paulo, Edit. Nacional, 1976.
CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
TESNIÈRE, Lucien. *Esquisse d'une syntaxe structurale*. Paris, C. Klincksieck, 1953.

II. Textos

- PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. 16. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
TELLES, Lygia Fagundes. *O jardim selvagem*. São Paulo, Martins, 1965.

Recebido em 30 de novembro de 1987.

ABSTRACT

The case of zero derivation, or conversion, in the Portuguese language is being interpreted in our grammar from an exclusively semantic perspective. This article intends to show that this process of derivation is also characterized by formal traits and, by examining them, one comes upon the limits of a morphology based only on the isolated word.

Key-words: zero derivation – syntagmatic axis – Portuguese language – morphology – semantics